



Luís Duarte Esteves no concurso "Share Your Solution" onde venceu o 1º lugar com o projeto "Marcrete"

O que é o projeto *Marcrete*?

Marcrete é uma solução de revestimento de paredes ou pavimentos caracterizada pela combinação de mármore, desperdiçado pela indústria extrativa, e betão.

Este projeto é uma proposta de (re)utilização de resíduos industriais decorrentes da atividade extrativa de mármore do Anticlinal de Estremoz, que, atualmente ainda representa, 80 a 90% da matéria total extraída.

Esta solução pretende contribuir para a sensibilização deste setor industrial para a escolha de processos produtivos mais eficientes, principalmente focados na concretização de produtos-finais mais sustentáveis. *Marcrete* pretende, assim, contribuir para o crescimento do valor de negócios do setor das pedras, a partir dos recursos materiais e tecnológicos que a indústria do mármore já dispõe.

Quais as mais-valias que o teu projeto tem para a sociedade e para a indústria, em particular?

A solução apresentada continua a valorizar a identidade do mármore, respeitando a sua presença e características físicas. O aproveitamento dos resíduos industriais já disponíveis, "escombros", resultou da identificação dos recursos que esta indústria dispõe e das lacunas de mercado existentes. A reciclagem destes fragmentos minerais rejeitados pretende, por isso, garantir a sustentabilidade do processo produtivo desta indústria e, partir da sua produção em larga escala, gerar vantagens socio-territoriais para a região em que se implanta, nomeadamente para o Anticlinal de Estremoz.

O que significa, para ti, este prémio?

O reconhecimento da proposta apresentada no concurso "Share Your Solution" constitui uma grande honra, principalmente por ter refletido a oportunidade de ver o meu trabalho avaliado por um júri formado por profissionais especializados na gestão e aproveitamento dos resíduos industriais. Por outro lado, a título pessoal, este prémio representa um grande

estímulo para a continuidade do meu trabalho, sobretudo nesta fase em que começo a dar os primeiros passos junto do mercado de trabalho.

Qual a relação deste projeto com a tua tese de mestrado?

Na verdade *Marcrete* foi fruto de uma investigação mais alargada que desenvolvi na Universidade do Minho, a tese de Mestrado “O Marmorear de Estremoz: Paisagem em Movimento”. Um trabalho orientado pela orientada pela Arquiteta Doutora Cidália Silva Ferreira.

Como surgiu a ideia da tese de mestrado, intitulada “O Marmorear de Estremoz: Paisagem em Movimento”?

A razão principal da realização desse trabalho nasceu a partir da vontade de evidenciar o valor do mármore de Estremoz enquanto elemento base de um património arquitetónico construído à escala global. Para além disso, este era um trabalho com um enorme potencial do ponto de vista da investigação científica que permitia explorar questões mais específicas da arquitetura que despertou o meu interesse inicial.

Em que se foca esse trabalho?

O trabalho de investigação realizado sintetiza e caracteriza o processo de transformação do território a partir da sua relação dinâmica com o mármore proveniente do Anticlinal de Estremoz. Este estudo concentrou-se no modo como o mármore condiciona e participa na transformação dos lugares onde é formado, extraído e aplicado, aqui e além-fronteiras.

Quer dizer que o “Mármore de Estremoz” está presente em obras arquitetónicas fora do país?

Sim, e esse levantamento nunca tinha sido realizado deste ponto de vista. Foi por isso extremamente interessante acompanhar o percurso deste material, desde a sua formação até à sua aplicação prática. Estando, por exemplo, presente no templo de Diana em Évora, na capela do Mosteiro dos Jerónimos em Lisboa ou no Palácio de Versalhes, em França.

Este foi um trabalho difícil?

A maior dificuldade do processo de investigação elaborado resultou da abrangência disciplinar que caracteriza o tema de estudo, o que impôs maior tempo de pesquisa e de interpretação das referências documentais. Para além disso, o facto de ter sido um tema completamente original, nunca antes levado a cabo com tal profundidade, do ponto de vista da análise do território, proporcionou uma maior aprendizagem e enriquecimento pessoal que se traduziu na realização de um trabalho mais completo.

Esse trabalho universitário foi, também, distinguido a nível académico, tendo sido premiado com a classificação excecional de 20 valores. Qual a sensação quando soubeste essa nota?

Por nunca antes ter sido atribuída na Escola de Arquitetura da Universidade do Minho tão elevada distinção não esperava que esta classificação fosse conferida. No entanto, tendo em conta o rigor e originalidade do trabalho que desenvolvi, quando a classificação foi anunciada senti uma grande satisfação pessoal. Fundamentalmente, este reconhecimento deu-me uma grande força para avançar e para abraçar novos projetos.

O que fez um alentejano ir para tão longe estudar, para a Universidade do Minho?

Num primeiro momento, o meu ingresso na Universidade do Minho deveu-se apenas ao facto de esse ter sido o lugar atribuído através do concurso nacional de ingresso ao ensino superior. No entanto, depois do primeiro ano, decidi continuar a estudar em Guimarães, principalmente por ter percebido que a qualidade do ensino e o projeto educativo da Escola de Arquitetura da Universidade do Minho ser excecional. Isso é devido ao facto de ter encontrado nessa Escola as pessoas certas, professores, colegas e amigos que me orientaram e compensavam os períodos em que estava distante do Alentejo. Hoje tenho a certeza que tomei a decisão mais certa.

E quanto a projetos futuros?

Existem projetos mais imediatos que gostaria de realizar, como a publicação em livro da tese de mestrado uma vez que, este trabalho supre uma carência local relacionada com a ausência de registos documentais que explicitem a transformação do Anticlinal de Estremoz. Fundamentalmente gostava de tornar útil o conhecimento criado neste trabalho, abrindo a sua pesquisa à participação pública.

Para além disso, como qualquer recém-licenciado o próximo passo será ingressar no mercado de trabalho. Hoje em dia sei que esta é uma questão difícil, especialmente para minha área de formação, no entanto, tenho muita confiança na educação que recebi e penso que encontrarei rapidamente uma proposta de trabalho, seja cá em Portugal ou no estrangeiro.